

CONJUNTO DE HABITAÇÕES SOCIAIS _ MONTE DE SÃO JOÃO • Um novo conceito de habitação social

30

“Como todas as obras de qualidade o conjunto não revela de imediato os seus “segredos”, antes apela ao nosso interesse em descobri-los, ou seja, de aceitar o jogo de desvendar o que, estando patente, não podemos de imediato, conscientemente, ver...”⁽⁸⁾

⁽⁸⁾ Simões, Duarte Nuno, *O conjunto de habitações sociais do Monte de São João*, Fevereiro 24, 2005, Infohabitar - Revista do Grupo Habitar [<http://infohabitar.blogspot.com/2005/02/o-conjunto-de-habitaes-sociais-do.html>]



Após a visita que realizei a diferentes bairros de habitação social, nas cidades de Lisboa e Porto, decidi terminar o meu trabalho com a abordagem àquele que mais me impressionou, neste caso pela positiva.

Quando se fala de habitação social, o que primeiro vem à cabeça das pessoas são aqueles conjuntos de blocos incharacterísticos, baseados numa construção rápida de meia-bola-e-força, sem especiais escrúpulos de qualidade e condenados a degradarem-se ao fim de pouco tempo. Prédios que terão, é certo, respondido à necessidade de garantir habitação em número às franjas mais desmunidas da população mas que, devido a um urbanismo coxo e mal concebido, cedo começaram a ser mais prejudiciais do que úteis aos moradores, ao encerrá-los em guetos mais ou menos assustadores e acentuando, assim, a marginalização social.

Andei horas à procura de algo que o transeunte comum não sabia tratar-se de habitação social, uma vez que esta urbanização em nada se assemelha aos protótipos de falta de qualidade a que a habitação social nos acostumou.

Trata-se de um conjunto habitacional promovido pela Câmara Municipal do Porto, no Monte de São João, Paranhos, Porto, projectado pelos Arquitectos Rui Almeida e Filipe Oliveira Dias, construído ao abrigo do Programa Especial de Realojamento e que foi Prémio do Instituto Nacional de Habitação de Promoção Municipal, em 2004.

Este conjunto habitacional veio marcar um novo conceito de habitação, por conciliar a economia de custos com apreciáveis parâmetros de qualidade, tanto ao nível do desenho arquitectónico como da própria construção. Os fogos destinam-se a acolher portuenses mais carenciados do ponto de vista habitacional e foi integrado no Programa Especial de Realojamento (PER).

Num projecto onde se estipulou a máxima rentabilização social e económica do empreendimento, com equilibrada densificação dos espaços, em área e em altura, construiu-se uma obra em que a economia de custos foi tão imperativa quanto a preservação da qualidade.

É assumido o compromisso de respeitar os futuros moradores, que não são meros



desgraçadinhos para quem qualquer coisa serve; os bairros não podem ser espaços desumanizados para quem lá mora e constrangedores para os forasteiros; a cidade é seguramente um bem comum que não pode estar vedado aos pobres.

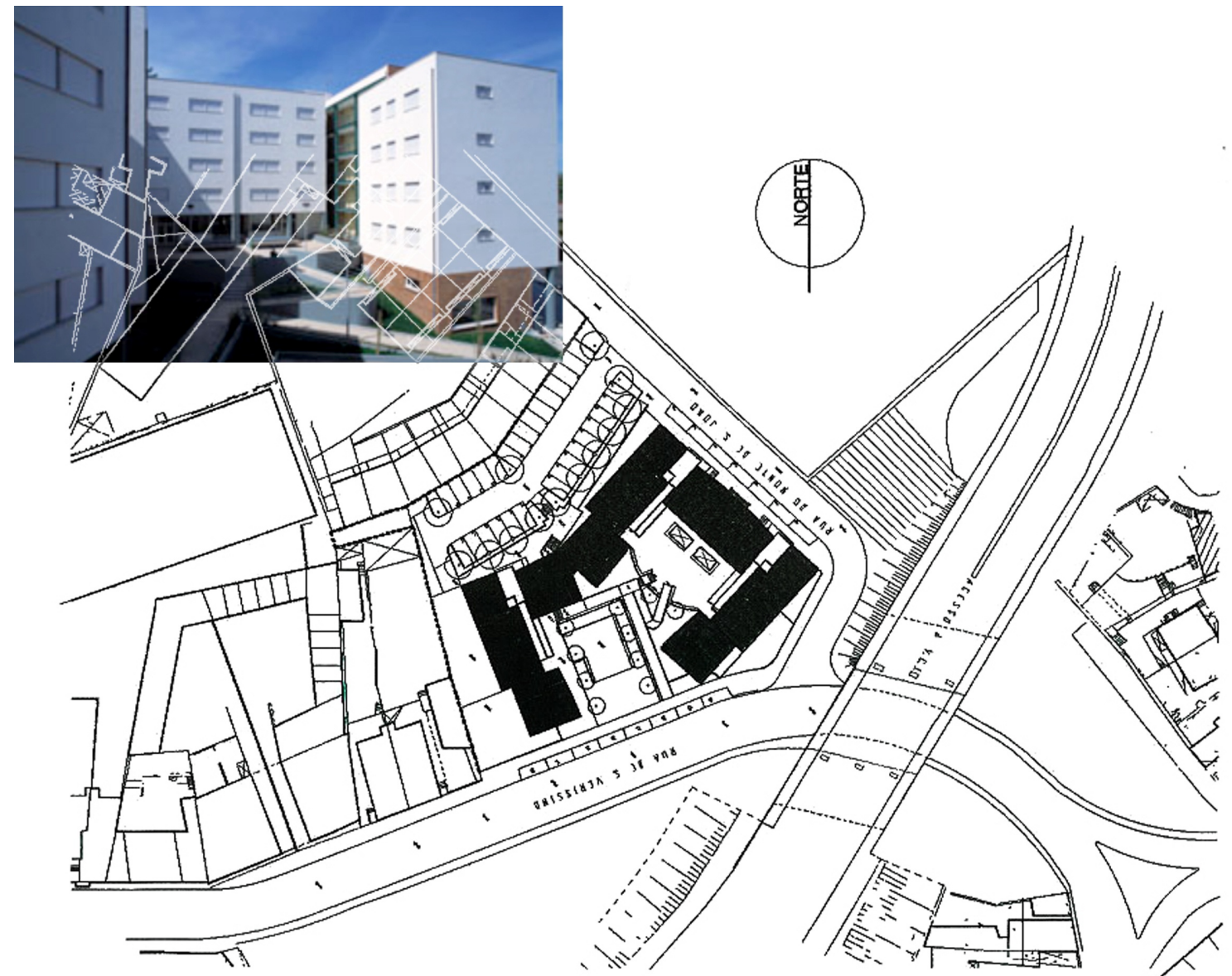
O conjunto de habitações sociais do Monte de São João revela uma grande coerência quanto aos objectivos que parecem ter norteado os seus autores, para quem um aglomerado de habitações não tem de se transformar num comboio monótono, desprovido de serviços e espaços exteriores pensados para o uso e que, modelos como este, devem ser aplicados em toda a cidade, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da população.

Da arquitectura deste conjunto, dir-se-á que recusa o auto-comprazimento pela forma como fim último e seu principal objectivo. Aqui, a arquitectura assume a sua condição mais nobre de espaço da vida dos homens, onde o “livre-trânsito” de afectos e solidariedade entre vizinhos será possível. Tal como foi concebido, este conjunto não se fecha autisticamente sobre si próprio, antes estimula o encontro, a troca, a convivência dos moradores não podendo prescindir, também, do interesse pelos valores formais, aqui postos ao serviço de uma proposta que assume, deliberadamente, a construção do espaço dos homens, sua finalidade última e imprescindível.

Por valores formais, entenda-se a escala do conjunto, a clareza da imagem proposta, o tratamento dado à praça interna mas, também, a simplicidade dos elementos arquitecturais, independentemente da sua importância e a existência de funções complementares integradas no conjunto edificado.

A recusa do modelo do grande bloco em altura, parede intransponível, objecto-obstáculo no qual as pessoas, os moradores, tendem a isolar-se umas das outras, originou um conjunto cujos elementos se desmultiplicaram em vários volumes. Ao desconstruirmos o modelo do grande bloco, propõem um conjunto à escala do homem, uma arquitectura surpreendentemente jovem e afável.

O conjunto habitacional é constituído por 55 habitações (30 fogos de tipologia 2 e 25 de tipologia 3), distribuídas por três blocos (cada um com seis pisos e uma cor específica nos corredores-varanda), que determinam e abraçam uma praça interna, organizada



> Planta de localização do conjunto

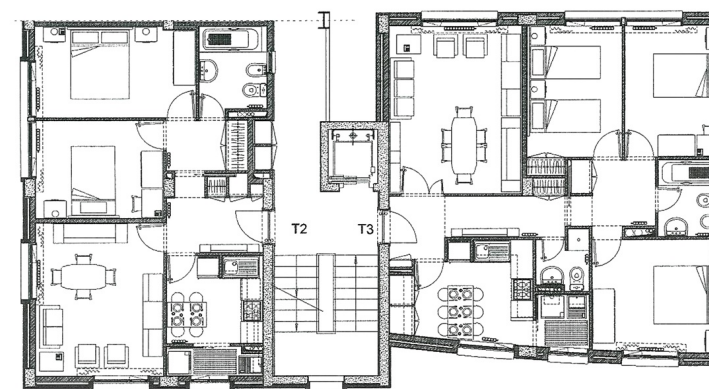
em dois níveis principais, tema originador de grande parte da riqueza espacial do conjunto, caracterizado por uma aparente e deliberada simplicidade dos elementos vários que o compõem. As cotas distintas da praça marcam espaços diferenciados: o de cota superior, adaptado a um uso mais exclusivo dos residentes e o de cota mais baixa, mais adaptado à utilização pública em geral.

A fim de assegurar um tecido urbano convivial que não gera marginalidade e propicia qualidade de vida, foram previstas três instalações comerciais, um espaço de associação de moradores, um de administração de condomínio, um ATL e 22 lugares de garagem cobertos.

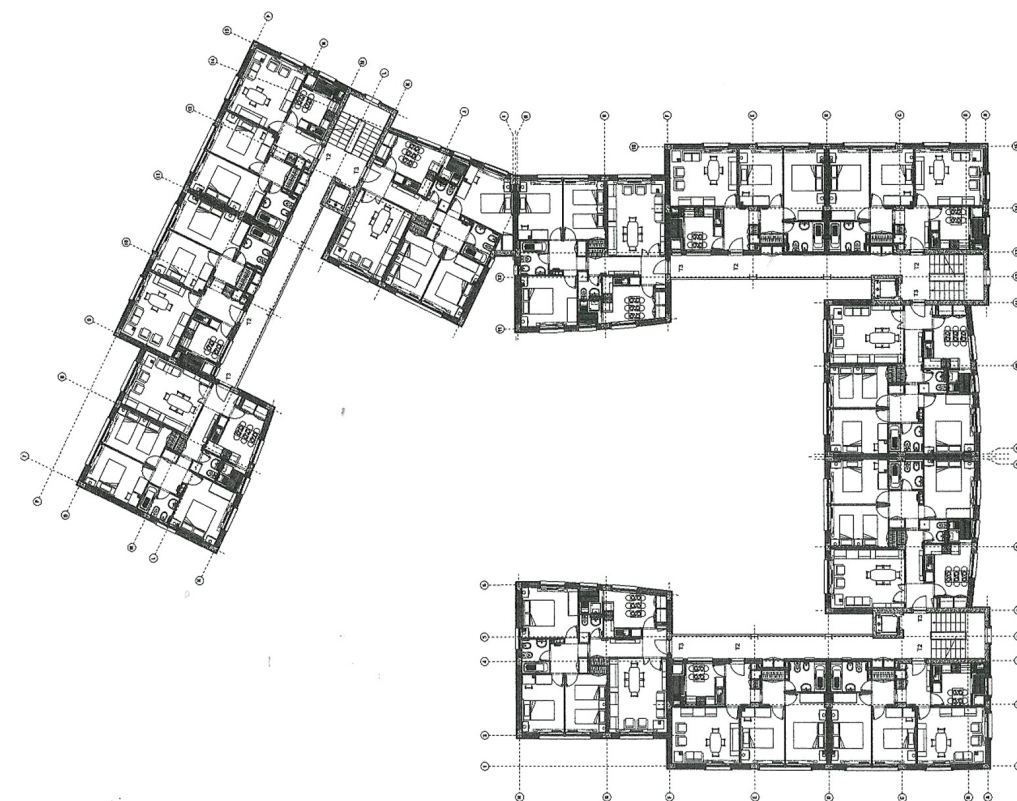
Cada um dos três blocos é servido por uma escada e um elevador e tem, em cada piso, uma galeria coberta que dá acesso a quatro fogos. A opção pelo uso de galerias não é inocente: elas acrescentam, à sua função imediata de acesso às habitações, aquela outra de se constituírem como elementos de animação, de sinal de vida do conjunto e, também, como espaços de transição entre os interiores das habitações, quadro da privacidade das famílias e a praça interna, quadro possível das mais variadas formas de sociabilidade dos habitantes. Por isso, pelo discreto e imprevisível espectáculo que as galerias podem suscitar, as suas guardas não se constituíram como defesas opacas, antes protecções que assumem a transparência garantida pelos painéis de rede metálica.

A praça interna, evolução dos antigos logradouros privados dos quarteirões urbanos, tornada aqui espaço comum, é um dos elementos que melhor caracterizam, conceptual e formalmente, o conjunto do Monte de São João. De facto, a praça tem todas as condições para estimular e servir de suporte à conviviabilidade entre os habitantes e, até, entre estes e os habitantes das proximidades.

Outra das características do conjunto corresponde à simplicidade do desenho dos seus elementos mais significantes como sejam as janelas, as guardas das galerias, os óculos que iluminam e assinalam as escadas, a elegância das entradas dos três blocos, a organização dos vários elementos que integram a praça interna e, ainda, o desenho das entradas de luz da garagem colectiva, sem esquecer o cuidado posto na pormenorização dos interiores dos 55 fogos e dos vários equipamentos que integram o conjunto.



> Organização das tipologias tipo

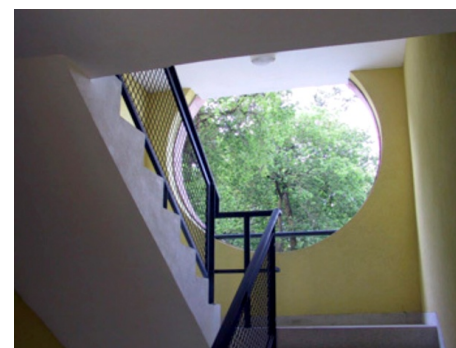
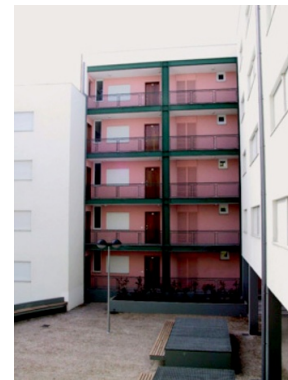


> Planta do piso tipo

Não posso deixar de referir dois aspectos que considero muito significativos, em relação à minúcia e cuidado com que este conjunto foi projectado e realizado. O primeiro diz respeito às paredes de fundo das galerias, pintadas cada uma com sua cor pastel, criando uma referência facilmente apreensível sem prejuízo da unidade do conjunto. O segundo, a ligeira inclinação que as afasta de um aparente paralelismo, das paredes dos corpos avançados que rematam os dois blocos e que assinalam a articulação entre os níveis da praça interna: não sendo paralelas, como parecem, as referidas paredes reforçam a continuidade da praça, delimitada e definida pelas frentes que sobre ela abrem, sendo assim a unidade do conjunto salvaguardada e reforçada.

Tendo por referência um tecto orçamental de 2,1 milhões de euros⁽¹⁹⁾, foi possível aliar o controlo dos custos a uma preocupação com a qualidade que é, de facto, rara em empreendimentos deste género. Nas palavras do coordenador do projecto, a habitação social é apenas um instrumento económico que permite dar alojamento a pessoas que dele estão carenciadas; não pode ser um estigma para que também o próprio projectista meta na cabeça que a construção não pode ter qualidade. E, tendo em conta tal grau de exigência, como foi possível fazer esse milagre de os custos não derraparem? Milagre nenhum, assegura o arquitecto, para quem o segredo está, em primeiro lugar, na configuração do espaço de forma a rentabilizar ao máximo as áreas disponíveis; por exemplo, os espaços de convívio foram concebidos de forma a aproveitar parte do seu contorno para que as pessoas se pudessem sentar e, por outro lado, uma das plataformas da referida praça (pouco mais do que um rectângulo, com um conceito minimal e, por isso mesmo, aberto) funcionará como recinto lúdico para miúdos.

Na construção foram utilizados materiais de grande qualidade, contrariando a ideia negativa acerca das habitações municipais e respeitando escrupulosamente o tecto orçamental.



(19) Corvacho, Nuno, *A Habitação Social não pode ser um estigma*, Público, 12/07/2004

Num país em que, tantas vezes, o miserabilismo ou a incúria financeira são a norma, este é um factor que merece aplauso. Pavimento em carvalho francês, pré-instalação de aquecimento central, lavandaria isolada da cozinha equipada, janelas de vidro duplo (julgadas necessárias devido à proximidade da Via de Cintura Interna), com uma parte fixa e outra móvel, são alguns dos pormenores que diferenciam o conjunto habitacional dos demais bairros municipais.

Considerando o múltiplo interesse urbano e arquitectónico deste conjunto, destaco dez qualidades distintas ou pares qualitativos que em boa parte estão aqui presentes: evidenciar a unidade numa base de diversidade; salientar a urbanidade e a presença estratégica da natureza; suscitar comunidade e domesticidade (levando o sentido colectivo até ao fogo e dando ao conjunto um carácter global protegido/doméstico); harmonizar exterioridade e interioridade, bem como as respectivas transições; evidenciar formas gerais e aspectos de pormenor; suscitar dignidade e alegria, afinal excelentes condições para a boa qualidade de vida e para a boa integração urbana; basear a solução em sequências e enquadramentos espaciais e visuais; aliar “desenho” e funcionalidade, do nível urbano ao nível doméstico; equilibrar a fundamental integração com um rico sentido de novidade; e harmonizar modéstia formal com criatividade.

Esta é uma solução urbana convival, na sua vizinhança de proximidade, e muito bem integrada na cidade; condições bem ligadas entre si, pois convívio vicinal e vida cidadina são faces da mesma moeda. E nestes aspectos, é fundamental sublinhar a pequena dimensão física e social deste conjunto, que lhe proporciona uma boa capacidade de positiva “absorção” no tecido urbano preexistente.

Salienta-se a cuidada mistura de soluções, seja entre equipamentos e habitação, mutuamente vitalizados, seja entre tipologias de acesso aos fogos (escadas e pequenas galerias exteriores). As galerias estão nos sítios mais adequados em termos de uma equilibrada vitalização do convívio de vizinhança e são atraentemente evidenciadas; os equipamentos ligam-se à continuidade urbana; e o estacionamento comum tem acesso no local mais favorável e aproveita a luz natural, proveniente do grande terraço pedonal e de lazer que o cobre, e preenche o miolo da vizinhança.

Destaca-se o próprio espírito doméstico que caracteriza estes fogos, marcados por

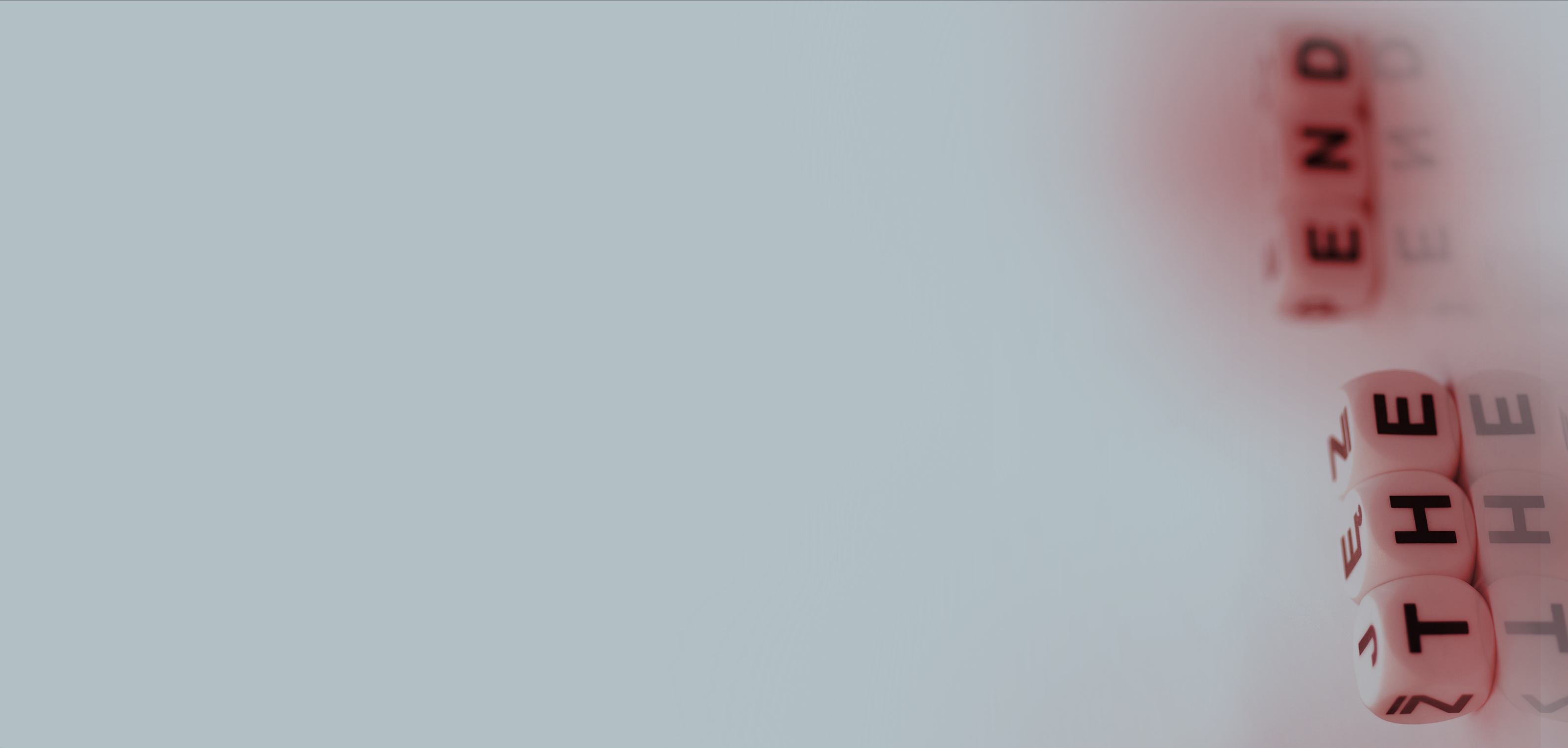
relações espaciais estimulantes, sequências atraentes, vãos bem marcados e tratados, uma boa capacidade funcional geral e de arrumação em particular, e uma escala geral muito humanizada. Destaca-se, ainda, a grande unidade desta obra, que transformou um sítio difícil, junto a uma via rápida, num sítio residencialmente desejável.

A arquitectura não pode prescindir da sensibilidade nem da inteligência de quem a imagina. Mas uma e outra têm que ser acrescentadas pelo talento. Só assim se garantirá a passagem de um nível honesto mas banal, para o desejável grau superior da verdadeira arquitectura assumindo-se, então, a sua vocação de obra de arte, de contribuição cultural, de marca significativa do tempo em que vivemos.



CONCLUSÃO

36



UM HABITAR HUMANIZADO

O que devemos pedir ao espaço arquitectónico enquanto actores desse espaço cénico?

Diria, quem sabe, Norberg-Schulz: “... em primeiro lugar devemos pedir uma estrutura representável que ofereça abundantes possibilidades de identificação”, “a tarefa do arquitecto é ajudar o homem a encontrar um sítio existencial onde firmar-se, concretizando as suas imaginações e fantasias sonhadas...”⁽²⁰⁾

O HABITAR COMO UM SERVIÇO

A habitação não é um produto de consumo, pois tal como escreveu Gerard Bauer (1980), “sempre que as exigências primordiais estão praticamente satisfeitas, quando o habitante começa a ter voz activa, ele (exige) diversidade, cor local, charme, humor, e verdadeiros sítios”.⁽²¹⁾

APROFUNDAR A QUALIDADE DO HABITAR

A qualidade do habitar está intrinsecamente relacionada com o aprofundamento e a diversificação da noção de qualidade de vida, pois tal como sintetizou o pintor Júlio Resende, a propósito de uma casa que Carlos Loureiro projectou para si: “O arquitecto que submete toda a génese da obra ao binómio técnica-espírito é, em propriedade, o arquitecto para o homem...”⁽²²⁾

⁽²⁰⁾ Christian Norberg-Schulz, “Existencia, Espacio y Arquitectura”, Barcelona, Editorial Blume, trad. Adrian Margarit, 1975, pág. 135

⁽²¹⁾ AAVV, “Architecture 1980 - Doctrines et Incertitudes, Les Cahiers de la Recherche Architecturale”, n.º 6/7, Paris, 1980, pág. 103

⁽²²⁾ Carlos Loureiro, “Moradia do pintor Júlio Resende”, Arquitectura, 1966

HABITAR A CIDADE PÚBLICA E CONVIVIAL

A qualidade do habitar joga-se um pouco por todo o lado na cidade e, com grande intensidade, no exterior público, no andar a pé e na essencial convivialidade.

UM HABITAR DEMOCRATICAMENTE QUALIFICADO

“Há certas qualidades que podem ser consideradas essenciais em todos os géneros de casas: sossego, encantamento, simplicidade, largueza de vistas, vivacidade e sobriedade, sentido de protecção e abrigo, expressiva economia na manutenção, harmonia com a envolvente natural e a vizinhança, ausência de lugares escuros e ao abandono, conforto e uniformidade de temperatura...”⁽²³⁾

A BUSCA DA FELICIDADE NO HABITAR

O verdadeiro sentimento de felicidade está associado ao habitar espaços com qualidade arquitectónica pois, tal como disse o Arq.º George Ferguson, “uma escola melhor desenhada leva a um melhor ensino, e uma casa e um escritório melhor desenhados resultam em pessoas mais felizes”⁽²⁴⁾. E, inversamente, e como escreveu Spiro Kostof, há que interiorizar que os actos de violência e revolta urbana são “inspirados pela cinzenta monotonia das envolventes e por um sentimento geral de exclusão relativamente à corrente principal da sociedade”⁽²⁵⁾. Aquela monotonia cinzenta que tão bem conhecemos e que, na maioria da vezes, terá a ver não com razões objectivas como, por exemplo, custos, mas com “carências de projectos e de estereótipos de produção consolidados.”⁽²⁶⁾

⁽²³⁾ Voysey, “The English Home”, 1911

⁽²⁴⁾ George Ferguson, Presidente do Royal Institute of British Architects, na inauguração da nova galleria do Victoria and Albert Museum, dedicada a uma exposição permanente de arquitectura, num significativo retorno ao passado pois, até 1909, e tal como se refere no artigo, “a arquitectura era a alma do Victoria and Albert Museum” .

⁽²⁵⁾ Spiro Kostof, “The City Assembled”, 1992, pág. 121

⁽²⁶⁾ Giovanni Ottolini e Vera De Prizio, “La casa attrezzata - qualità dell'abitare e rapporti di integrazione fra arredamento e architettura”, 1993

Fica claro que qualquer tipo de promoção habitacional, designadamente a habitação de interesse social, apoiada pelo Estado, pode e deve assumir um papel de relevo enquanto ferramenta de apoio ao desenvolvimento pessoal, familiar e social dos habitantes e das respectivas vizinhanças e comunidades locais e, nunca, de forma alguma, ter uma influência negativa em qualquer uma destas áreas.

É urgente humanizar e vitalizar centros históricos e subúrbios e, num tal desígnio, as novas intervenções na cidade central e periférica têm de ser, cada vez mais, de pequena escala, muito bem pormenorizados e qualificados no seu desenho de arquitectura, muito sensíveis aos respectivos habitantes e sítios de habitar, numa perspectiva humanizadora de reconstrução da coesão urbana.

Os caminhos passam pela redução da ocupação dispersa do território, trabalhando-se a densidade e uma forma urbana atraente, orgânica e contínua, condições estas que obrigam a um projecto de arquitectura muito bem qualificado em termos de opções gerais e de pormenor, e que aplique uma solução tipológica bem estudada e fundamentada. Um projecto que interiorize uma coerente inovação tipológica do habitar e das outras suas tantas actividades “amigas”, servindo-se uma (“nova”) cidade “genérica multi-étnica e multi-cultural”, em soluções que façam habitar a casa, o edifício e a cidade; e em soluções sem “tabus” e sem ideias feitas no que diz respeito às tipologias de edifícios.

Os caminhos do projecto e da sua análise deverão, também, começar a considerar, objectivamente, a “qualidade arquitectónica”, noção esta com grande actualidade, uma vez que encontra, hoje em dia, sustentáculo institucional mesmo ao nível das preocupações e dos objectivos da União Europeia, objectivo a alcançar através da

harmonização entre qualidade de desenho e satisfação habitacional, um tema que é urgente e oportuno.

Outra questão que se prende com esta última matéria do urgente aprofundamento do que é “qualidade arquitectónica” vai mais fundo e tem a ver com a “convivência” que é fundamental assegurar - nesse sentido de dinamização da qualidade arquitectónica -, entre qualidade do desenho de arquitectura e satisfação dos moradores. A qualidade arquitectónica com um sentido amplo, bem informado e socialmente empenhado é, sem dúvida, um aspecto fundamental para a melhor integração cultural, social e física de um qualquer grupo humano, proporcionando agrado e mesmo um verdadeiro potencial de felicidade, seja numa perspectiva individual, seja numa perspectiva colectiva ligada ao bom fazer da cidade.

Assim aconteceu em Alvalade, assim aconteceu em Olivais Norte - Encarnação e assim aconteceu, sem qualquer dúvida, em muitos pequenos bairros e outros conjuntos de habitação de interesse social que, desde então, têm sido criados em Portugal e, cujo êxito social, arquitectónico e urbano não surge, infelizmente, nos meios de comunicação social; porque, de certa forma, como prova desse êxito fala uma integração natural, afectiva e efectiva, que não “grita”, que não se quer evidenciar, porque se faz na continuidade urbana e no gozar de uma afirmada qualidade do meio edificado. Dá vontade de ir repetindo que a boa Arquitectura (habitacional) poderá não resolver problemas sociais, mas ajuda muito nessa resolução e os exemplos estão aí para serem visitados e comentados.

O crescimento da necessidade de mais habitação, associado à desagregação da grande família tradicional, ao aumento da esperança de vida e ao desenvolvimento do trabalho

em casa e das actividades domésticas ligadas ao lazer, não pode ser ignorado. Uma necessidade que resulta, também, da continuidade da concentração urbana, a qual agudizar-se-á nos próximos decénios. Uma necessidade que resulta, ainda, de se ter que substituir o que, outrora, se fez mal; e aqui, temos bem presente o exemplo francês que vai levar à demolição de milhares de habitações e ao realojamento, em melhores condições habitacionais e citadinas, de cerca de milhões de suburbanos. E sobre esta matéria, não haja dúvidas, será necessário desenvolver, por vezes, opções drásticas e dispendiosas, isto se se quiser, realmente, seguir, finalmente, a via da qualidade.

Para rematar estas questões de números salienta-se, pelas palavras de Kazuo Shinohara que, *“na nossa enorme sociedade actual há pouca diferença entre fazer cem casas ou duzentas casas, mas que a quantidade que é difícil apurar é o número de casas que são feitas e que atingem um significado social”*⁽²⁷⁾. E casas com significado social interagem com partes de cidade vivas e conviviais.

Cidades bem conformadas pelos conceitos de público e de privado, numa relação activa e recíproca, marcada pela redescoberta da importância dos “limiães”, que se distribuem da rua à porta de casa, em cenários potencialmente apaixonantes, pois como escreveu Daniel Filipe, *“de vez em quando apetece a gente tomar por uma dessas ruazinhas que não se sabe onde irão acabar, deixando correr o tempo ao sabor dos passos erradios.”*⁽²⁸⁾.

Tal como defende Fernández-Galiano, não tenhamos dúvidas que o problema da habitação se tornou o problema da cidade, ideia à qual acrescento que, hoje em dia, o problema e o potencial do habitar é, nem mais nem menos, o problema e o potencial da cidade. Neste nosso novo século das cidades, o problema e o potencial da cidade

é hoje o problema e o potencial da humanidade. E se, como parece, há ainda tanta falta de habitação e tanta falta de cidade então, não tenhamos dúvidas, hoje só é possível fazer boa cidade com boa habitação.

No princípio deste novo século, nesta nossa velha e excelente cultura europeia lembremos, por fim, uma grande afirmação de Leonardo Benévolo e Benno Albretch: *“os desafios a enfrentar no mundo de hoje não dizem apenas respeito às quantidades e aos números, mas também, - e sobretudo - à complexidade e à subtilidade.”*⁽²⁹⁾.

⁽²⁷⁾ Kazuo Shinohara, *“Now, «modern next»”*, em *Contemporary Japanese houses, 1985-2005*, Tóquio, TOTO Shuppan 2005, pág. 435

⁽²⁸⁾ Daniel Filipe, *“Discurso sobre a cidade”*, Lisboa, Editorial Presença, Coleção Forman n.º 8, 1977 (1956), pág. 77

⁽²⁹⁾ Leonardo Benévolo e Benno Albretch, *“As Origens da Arquitectura”*, 2002, pág. 10 e 13



ABRANTES, Teresa - “Efeitos Perversos” dos Bairros Sociais: Observações e Sugestões, *Sociedade e Território*, nº20, Abril 1994, Porto, Afrontamento, p. 50-54

ALMEIDA, Inês; CASTRO, Paula - *Realojamento - Satisfação residencial e identidade local*, 1º Colóquio psicologia espaço e ambiente, Universidade de Évora, 2002

ALMEIDA, J. Ferreira de, *Integração social e exclusão social*. Algumas questões, *Análise Social*, vol. XXVIII, nº 123-4, 1993

AMOR, Teresa - *E agora o que fazer com estes realojamentos?*, 1º Seminário de Sociologia Urbana, 1995, ISCTE, Lisboa

AUGUSTO, Nuno Miguel - *Habitação Social - da intenção da inserção à ampliação da exclusão*, Passados Recentes, Futuros Próximos, Actas do IV Congresso Português de Sociologia, 2000, Lisboa, APS

BAPTISTA, Luís V. - *Cidade e habitação social*, 1999, Oeiras, Celta Editora

BARROS, Carlos Pestana; SANTOS, J. C. Gomes (coords.) - *A habitação e a reinserção social em Portugal*, 1997, Lisboa, Editora Vulgata

CABRITA, António M. Reis - *O Homem e a Casa - definição individual e social da qualidade da habitação*, Lisboa, LNEC, 1995

CARDOSO, Ana; PIMENTA, Manuel - *A pobreza nos bairros degradados de Lisboa: alguns elementos de caracterização*, *Sociedade e Território*, nº 10/11, 1989, Porto, Afrontamento

CASTELLS, Manuel - *The urban question*, 1977, Edward Arnold, Londres

CHOMBART DE LAUWE, P. H. - *Appropriation de l'Espace et Changement Social*, Cahiers Internationaux de Sociologie, Vol. LXVI, 1979, Paris

COELHO, António J. M. Baptista - *É Preciso Integrar a “Habitação Social” na Continuidade Urbana*, *Sociedade e Território*, nº 20, Abril 1994, Porto, Afrontamento, p. 71-78

COELHO, António J. M. Baptista - *Apropriação e Satisfação Residencial*, *Sociedade e Território*, nº 25/26, Fevereiro 1998, Porto, Afrontamento, p. 140-149

COELHO, António J. M. Baptista - *Dos bairros do crime ao verdadeiro problema da habitação*, *Infohabitar - Revista do grupo habitar*, 09 Março 2005

COELHO, António J. M. Baptista - *Habitação sem cidade*, (sobre um texto do Arq. Luís Fernández-Galiano), *Infohabitar - Revista do grupo habitar*, 13 Março 2005

COELHO, António J. M. Baptista - *Por uma cidade habitada*, *Infohabitar - Revista do grupo habitar*, 16 Março 2005

COELHO, António J. M. Baptista - *Um novo PER - Programa Especial de Regeneração habitacional e urbana*, *Infohabitar - Revista do grupo habitar*, 27 Outubro 2005

COELHO, António J. M. Baptista - *Urgência e complexidade da regeneração de bairros sociais e outros espaços urbanos degradados*, *Infohabitar - Revista do grupo habitar*, 08 Novembro 2005

COELHO, António J. M. Baptista - *Cidades desejadas e seguras (I): o problema da habitação tornou-se o problema da cidade*, *Infohabitar - Revista do grupo habitar*, 13 Abril 2007

COELHO, António J. M. Baptista - *20 Anos de habitação social portuguesa*, *Infohabitar - Revista do grupo habitar*, 07 Junho 2007

COELHO, António J. M. Baptista - *Mais e melhor habitação, mais e melhor cidade*, *Infohabitar - Revista do grupo habitar*, 16 Março 2008

COELHO, António J. M. Baptista - *Realojamento e (des) contentamento: a integração da habitação social I - estigmas e êxitos de uma importante forma de promoção habitacional*, *Infohabitar - Revista do grupo habitar*, 13 Julho 2008

COELHO, António J. M. Baptista - *Integração da habitação social II - importância e complexidade da integração social*, *Infohabitar - Revista do grupo habitar*, 26 Julho 2008

COELHO, António J. M. Baptista - *Arquitectura e Habitação: velhos aliados - a Arquitectura e o Problema Português da Habitação, 1948-2008*, Infohabitar - Revista do grupo habitar, 01 Agosto 2008

COELHO, António J. M. Baptista - *O bom-habitar I: uma introdução ao bom-habitar do bairro, da vizinhança e do edifício*, Infohabitar - Revista do grupo habitar, 10 Agosto 2008

COELHO, António J. M. Baptista - *O bom-habitar II: alguns comentários iniciais e algumas perplexidades*, Infohabitar - Revista do grupo habitar, 18 Agosto 2008

CRUZ, Sónia Marina Fidalgo - *Realojamento... O sonho de uma vida*, CARNEIRO, M^a do Rosário Amaro da Costa, Riscos de uma ausência, 2000, Lisboa, ISCSP

FERREIRA, António Fonseca - *Habitação Social: Lições e Prevenções para o PER*, Sociedade e Território, n^o 20, Abril 1994, Porto, Afrontamento, p. 8-10

FREITAS, Maria João - *Acções de Realojamento e Reestruturação dos Modos de Vida: Um Estudo de Caso*, Dissertação de Mestrado em Sociologia Urbana e Rural, 1993, Lisboa, ISCTE

FREITAS, Maria João - *Os Paradoxos do Realojamento*, Sociedade e Território, n^o 20, Abril 1994, Porto, Afrontamento, p. 26-34

GONÇALVES, Helena Seita - *Processos de (re) construção de identidades culturais num bairro de habitação social*, Sociologia - Problemas e Práticas, n^o 16, 1994, Lisboa, CIES/ISCTE

GUERRA, Isabel - *As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas*, Sociedade e Território, n^o 20, Abril 1994, Porto, Afrontamento, p. 11-16

GUERRA, Isabel - *Grupos sociais, formas de habitat e estrutura do modo de vida*, Sociedade e Território, n^o 25/26, Fevereiro 1998, Porto, Afrontamento, p. 118-128

GUERRA, Isabel; PINTO, Teresa Costa - *Aproximação às políticas habitacionais pós-1974*, 1999, Lisboa, ISCTE/INH

ORNSTEIN, Sheila Walbe, *Arquitectura da habitação social portuguesa recente*, Infohabitar - Revista do grupo habitar, 31 Maio 2007

PINTO, Teresa Costa - *A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: O gosto pela casa e o desgosto pelo Bairro*, Sociedade e Território, n^o 20, Abril 1994, Porto, Afrontamento, p. 36-43

TABORDA, Pedro - *Sobre Alvalade, um comentário*, Infohabitar - Revista do grupo habitar, 20 Abril 2007

TAVARES, Maria - *Um percurso na habitação em Portugal: o caso da FCP-HE, Federação de Caixas de Previdência - Habitações Económicas*, Infohabitar - Revista do grupo habitar, 10 Fevereiro 2008

Referências a sítios

<http://www.infohabitar.blogspot.com>

<http://www.filipeoliveiradias.pt/html/pt/>

<http://a-sul.blogspot.com>

- 02** Desenho de Ema do Mar _ 31/10/2007
- 04** <http://mc.jurispro.net/agradecimentos.htm>
- 08** “Enough pollution”, <http://www.sxc.hu/photo/1069612>
- 09** Barbara Kruger, “Untitled (We Will No Longer Be Seen and Not Heard)”, 1985, “Tate Modern the handbook”, pág. 75, editado por Iwona Blazwick e Simon Wilson, Tate Publishing, Collection 2000
- 10** Fernanda Martins, “Barraca”, 2007, Óleo sobre tela, 70 x 60 cm, <http://fernanda.m.martins.googlepages.com/home743>
- 11** <http://infohabitar.blogspot.com/2008/02/um-percurso-na-habitacao-em-portugal.html>
- 14** Fernanda Martins, “Estendal”, 2008, Óleo sobre papel, 42 x 56 cm, <http://fernanda.m.martins.googlepages.com/home743>
- 15** “plastic houses”, <http://www.sxc.hu/photo/904328>
- 16** “Row of houses”, <http://www.sxc.hu/photo/903434>
- 17** Fernanda Martins, “Gelo”, 2005, Óleo sobre tela, 50 x 40 cm, <http://fernanda.m.martins.googlepages.com/home72>
- 18** <http://bairrodoaleixo.bloguepessoal.com/76474/onde-isto-nos-leva-Bairro-do-Aleixo/>
- 19** <http://infohabitar.blogspot.com/2008/07/integracao-da-habitacao-social-i.html>
<http://lisboa.blogspot.com/2008/09/chelas-bairro-dos-lios-pantera-cor-de.html>
- 20** <http://a-sul.blogspot.com/2006/12/mais-valias-de-marvila-flor-da-mata.html>
- 21** Fernanda Martins, “Myconos”, 2008, Óleo sobre tela, 50 x 70 cm, <http://fernanda.m.martins.googlepages.com/home743>
- 22** <http://infohabitar.blogspot.com/2008/02/um-percurso-na-habitacao-em-portugal.html>
- 23** <http://infohabitar.blogspot.com/2008/02/um-percurso-na-habitacao-em-portugal.html>
<http://infohabitar.blogspot.com>
- 24** “Middle of Nowhere”, <http://www.sxc.hu/photo/308094>
<http://www.sxc.hu>
http://infohabitar.blogspot.com/2008/01/alvalade-de-faria-da-costa-uma-cidade_17.html
http://infohabitar.blogspot.com/2008/01/alvalade-de-faria-da-costa-uma-cidade_17.html
- 25** <http://infohabitar.blogspot.com/2008/02/um-percurso-na-habitacao-em-portugal.html>
- 26** <http://infohabitar.blogspot.com/2007/05/arquitectura-da-habitacao-social.html>
- 28** <http://infohabitar.blogspot.com/2007/06/20-anos-de-habitacao-social-portuguesa.html>
<http://infohabitar.blogspot.com/2008/03/mais-e-melhor-habitacao-mais-e-melhor.html>
- 29** “City vector”, <http://www.sxc.hu/photo/953309>
- 30** Fernanda Martins, “Gaudi”, 2007, Óleo sobre tela, 50 x 60 cm, <http://fernanda.m.martins.googlepages.com/home743>

- 31** <http://infohabitar.blogspot.com/2007/03/o-conjunto-de-habitaes-sociais-do-monte.html>
<http://www.filipeoliveiradias.pt/html/pt/imprensa/ficha>
- 32** Peça desenhada do projecto, facultada pelo gabinete *Filipe Oliveira Dias, Arquitecto*
<http://www.filipeoliveiradias.pt/html/pt/projectos/fotografia>
- 33** Peças desenhadas do projecto, facultadas pelo gabinete *Filipe Oliveira Dias, Arquitecto*
- 34** <http://infohabitar.blogspot.com/2007/03/o-conjunto-de-habitaes-sociais-do-monte.html>
- 35** <http://www.filipeoliveiradias.pt/html/pt/projectos/fotografia>
- 36** “The end 2”, <http://www.sxc.hu/photo/1078433>
- 40** “Old books” <http://www.sxc.hu/photo/1042110>